

SERMÃO
QUE PREGOU
O P. FR. THOMAS ARANHA
Religioso da Ordem dos Prègadores,
& Mestre em Sancta
Theologia.

NA IGREJA D' ANNUNCIADA
de Lisboa.

Dia do Glorioso Euangelista S. Lucas
no anno de 1644.

*Estando o Divinissimo SACRAMENTO
Exposto.*

Com todas as licenças neccessarias.

EM LISBOA

Na Officina de Domingos Lopes Rosa. Anno 1646.

*Impresso à custa de Ioseph do Auellar irmão da Confraria do Sancto fundada na mesma
Igreja*

SERMÃO
O. P. FR. THOMAS ARAÚJO
Religioso da Ordem dos Pregadores
Theologia.

NA IGREJA D. ANNUNCIADA
de Lisboa.

Dia do Glorioso Evangelista S. Lucas
no anno de 1644.

Estimado Divinissimo SACRAMENTO
Exposto.

Com todas as licenças necessarias.

EM LISBOA

Na Officina de Domingos Lopes Rola. Anno 1644.

Impressão de costa de Joseph de Avelar irmão da Confirmação
na do Santo fundado na mesma
Igreja.

Tu autem Deus noster suavis, & verus es, patiens, & in misericordia disponens omnia; non enim in errorem induxit nos hominum male artis excogitatio, nec umbra pictura, labor sine fructu, & effigies sculpta per varios colores, cuius aspectus insensato dat concupiscentiam, & diligit mortuae imaginis effigiem sine anima. Sapien^tia^e ex cap. 15.



VPREMA, Augustissima, & diuiniſſima Mageſtade, Sol diuino, que antes de Sol poſto na Cruz, vos poleſtes, & encobriſtes entre as nuvens deſſas ſpecies ſacramentais, a fim de abraſardes como Sol de entre nuvens, mais noſſos coraçoẽs. Vida miⁿha diſfraçada com as ſombras antes com as viuas ſemelhanças da voſſa morte; morte da meſma morte, & do peccado feita baſa, peanha, apoio, & fundamento total da noſſa vida. *Ego ſum panis vite, & ego ero mors tua, ò mors.* As palauras propoſtas contem o principio do cap. 15. do liuro da Sabedoria, de cujo author, ainda que eſteja em opini^ão o nome, & a peſſoa, carece com tudo de toda a duvida ſua admirauel doutrina, & a vtilidade dos morais diſcurſos de ſeu ſingular, & peregrino entendimento, *Aue Maria.*

S. I.

N^o he certo (ſieis) de ſorte, que ſeja ponto fora de con^trouerſia auer ſido o ſabio Salamão o author do liuro da Sabedoria, porque o grande Doutor da Igreja S. Hieronymo reſoluta, & deſtimidamente quer, que ſeja obra do Dou^tiſſimo Philo Hebreo, & com o author pagar eſta penſaõ a incerteſas, & duuidas, nenhũa admitte a excellencia de ſemel^hante obra. Continua o Texto neſte capitulo 15. o argumen^to que nos cap. 13. & 14. começara, iſto he a reprouaçã, & confutaçã da Idolatria, & ami me parecerão tão proprias, tão ajuſtadas, & tão germanas, aos aſſumptos, que a occaſiã preſente eſta pedindo, eſtas palauras, que ſiei deſſas todo o

A

empe

empenho de obrigação, & de gosto, com que a este lugar v
nho hoje. E se o discursar eu sobre semelhante thema, ou-
uer de igualar na felicidade, & na sutileza, & grandesa de
pensamentos, a abundancia, & forças dos [motiuos, que el-
lenos ministra, & offerece, bem podera imitar a acção, com
que o nosso famoso Portugues em Inglaterra porque tñl
chegado tarde asentarse à mesa, onde estaua a pessoa do mes-
mo Rey, descontente do lugar que lhe coube (lugar enfim de
quem chega tarde) prégou hum punhal na mesa, dizendo, es-
ta he a cabeceira, & o melhor lugar; & deite mão deste
punhal, quem sentir o contrario exceptuando a pessoa del Rey
meu senhor. Todo o tempo que durou o banquete, esteve
o punhal pregado, & feito hum como levantado padrão da
galhardia, & valentia portuguesa: Em banquete est-mos;
que antigo he passar praça de mesa hum pulpito, & de
iguarias os conceitos. Eu senão venho tarde, pello menos
venho de tarde; restaua sò responder o talento, & a suffi-
ciencia minha, ao punhal, brio, & esforço do mestre da Gor-
rotea. *Hoc opus, hic labor est.* Confessouos que desejo fique o
louuor todo em casa, já minha confiança sem pedir ajudas
de custo a virtude da cortesia, que tambem neste caso me fa-
uorece muito. Mas não dilatemos mais as bondades, proprie-
dades, & conueniencias do nosso thema; que val, em bom
Romance, tanto como per orar, & exclamar assim o author
do liuro. Mas vos Deos nosso, sois suaue brando, & verdadei-
ro. E cofredor pacientissimo, & tão misericordioso como
prouido governador de todas as cousas creadas, por cuja parti-
cular misericordia, & beneficio nos vemos liures, & alheos
do erro da Idolatria, a que nos podera arriscar a errada, & pre-
cipitada imaginação dos homens, que em parte inuentarão
más artes, & em parte vzarão mal das boas, nem bastou a nos
enganar a sombra da pintura, trabalho sem fructo; nem as
imagens ornadas, encarnadas, & vistosas com bellas, &
varias cores; cuja vista sollicita o desejo do ignorante, an-
tes poderosamente o executa por obsequios amorosos, & fer-
uorosos affectos empregados na morta imagem falta da vi-
da

d. & alma; que lhe fingem as almas de seus amans.

Sendo a principal parte da nossa empresa, & occupação presente auermos de fallar do diuinissimo Sacramento do altar; & concorrendo tambem a justa, & honesta obrigação de dizermos da nobilissima, & com razão sempre estimada, & prezada arte da pintura, que sae hoje, & campea tanto acostada aos merecimentos, glorias, & grandezas do glorioso Evangelista Sam Lucas: bem se deixa ver, quão de molde para as lauras, com que chamamos a este senhor Deus nosso, suave verdadeiro, & misericordioso, arrimandonos as exposições dos Doutores, que logo apontaremos, & outro si quão acertadamente joga com a pintura este lugar do texto; no qual fazendo juntamente menção do maior, & mais consideravel dano, que esta arte pode occasionar aos homens, se toca, & illustra gloriosamente, o maior louvor, que se lhe deue, o dano está, em occasionar a idolatria, o louvor liura em ser arte tão senhora dos affectos humanos, & tão poderosa para mouer humanas inclinações, & vontades. Ponderemos aduertida, & miudamente as palauras do texto. *Tu autem Deus noster*, a interlineal diz em razão de lhe chamarmos Deus nosso, *inestimabilis charitatis*. Deus de charidade maior, que toda a humana estimação. Pois quando, & onde mais, meu Deus, que nesse Augustissimo Sacramento? *Deus omnium per creationem*, diz o Lyra, *noster per cultum specialem*. Deus de todas as nações do mundo, & de todas as cousas polla criação, mas Deus nosso pollo culto, & veneração especial; com que sacramento o veneramos, & adoramos. Melhor o declarou ainda Dionisio Carthusiano. *Deus noster tamen specialiter, per multiplicem pietatem & gratiam tuam in nobis*, da vossa parte Senhor, por hũa multidão grande de respeitos cifrados em vossa piedade soberana, em vosso amor ineffavel, & em graças, & merces vossas, que prodigamente amante, & amorosamente prologo de ddo tribunal, & sitial diuino desses accidentes, & modo de sacramental existencia nos decretais, dispensais, & communicaes, verificando bem a exclamação de Guerrico

Lyra.

Carthus

Guerr. Abbade, *ò Deum, si fas est dicere, prodigum sui.* E o sentimento
Concil. graue do Sancto Concilio Tridentino com que disse, que *essu-*
Trid. *dit Christus omnes diuitias amoris sui,* neste diuinissimo mysterio.
 E da nossa parte (dis o Carthusiano) *Deus noster per cultum quo-*
que & deuotionem nostram quos tibi impendimus: se bem nisto sem-
 pre nossas friezas, & defeitos nos não deixarão fazer o aluo,
 que deuamos às pontualidades, & finezas, de que he iustissi-
 mo acredor vosso amor infinito: *suavis, & verus es,* continua o
 texto: em se tomando na boca, o termo de suauidade, *scilicet*
 sem reparo, mas não sem iustificadissima causa o mais *ver-*
Ioan. 6. tido, & frio pensamento às doçuras, & suauidades daquelle
 pão do Ceo, *omne delectamentum in se habentem,* & no *verus es,* é
 ferà se se inculcar misteriosa allusão ao *Caro mea vere est cibus?*
 nas quais palauras de christo Senhor nosso, sempre eu tiue pa-
 ra mi, que com aquelle termo, *vere,* verdadeiramente (que
 não parecia ser necessario, nem para a substancia do mysterio,
Lyra. nem para a significação do Amor, nem para o sentido, & ver-
 dade da proposição) se dá claramente hum remoque ou pi-
 que à falsidade, & mentiras dos bens do mundo. Fauorece-
 nos o Nicolao de Lyra, que dis aqui, *verus es contra falsitatem*
Idolorum: logo por contraposição, & gloriosa differença entre
 o solido, & firme da verdade de Deos, & o lubrico, falso, & in-
 constante dos enganos, & embustes do mundo, & de toda a
 sua Idolatria o declara. Ia estes motiuos em ordem a este so-
 berano Sacramento, são tantas, tam altas, & encapeladas on-
 das, que ameaçaõ com manifestas çocobras, & perigo de nau-
 fragio, ao pequeno, & fragil barco do meu talento, & ju-
 zo.

§. II.

Non enim in errorem induxit nos (acrescenta o Sabio, in-
 terpostas ao texto poucas palauras, que por não varia-
 rem o sentido essencial das assima declaradas deixo) conde-
 nando, o mau vzo da pintura, & aprouando, & louuando
 excellencia della o mau vzo chama aquelle, com que os pin-
 zeis se empregão em pintar idolos: com desenho, & tenção or-
 denada a adoração desses Idolos: mas eu de proposito vzei
 do

termo de occasionar, fallando deste effeito da arte para a
curar de causalidade, & influencias a respeito da idolatria
mal. Porque realmente os delineamentos, & acção materi-
al da pintura sempre são dignos de louvor, se os entendimen-
tos errados, & cegos senão abalançarem a occasião do erro,
tomada iniusta, & como passivamente. E com tudo são muito
para notar as palavras do capitulo 14. antecedente, & o rigor
dellas: que parece não disculpa tanto a acção dos pintores, &
sculptores tambem (que em todos milita a mesma razão) co-

lesejana. *Prouexit autem ad horum (scilicet Idolorum) Sapient*
e culturam artificis eximia diligentia. Ille enim volens plus placere illi, 14.

qui se assumpsit, elaborauit arte sua, ut similitudinem in melius figura-
ret. A beneficio, industria, & destreza de pinzel, levantão tes-
temunhos a natureza, acrescentando luzes, & resplandores ás
humanas fermosuras copiadas, que os seus Originaes se appe-
teceraõ, não lograraõ: & por essa razão *prouexit ad culturam*
Idolorum promoueo, apoiou, adiantou o culto desses Idolos,
talis eximia diligentia. Mas sem embargo deste texto, no querer
& no desenho, & fim, poderá estar a culpa, & não no pintar
perfeita, & soberanamente. Sendo por outra parte cousa cer-
ta aueremse de conceder à arte grandes poderes, & valentes
impulsos para mouer, & esporcar os affectos d'alma que na
minha opiniaõ he hum dos mais sublimes elogios, ou o ma-
ior que desta generosa arte podemos publicar. E he o que re-
zaõ aquellas palavras vltimas do Thema, *cuius aspectus insensa-*
to dat concupiscentiam, & deligit mortue imaginis effigiem sine ani-
mo. O Lyra explica, *attrahens eius animum ad Idoli reuerentiam,*
mas he porque esse homem he nescio, se se passa assim facil-
mente, do fermoso, ao diuino do pintado, ao verdadeiro. Hu-

Cardeal diz, & bem, *homini simplici dat concupiscentiam colen-* Hugo
ti, & venerandi Idolum, ut Deum. Carthusiano, *id est affectum in-* Cardin
spientis inspectoris inclinat ad Idoli cultum, atque amorem. Chama
pintura trabalho sem fructo, ou em quanto a considera ac- Cartus.
ção peccaminosa fautora da Idolatria, ou em razão de não
ser couza eterna; que he o sentido em que tambem lhe cha-
ma sombra como tambem he sombra o mundo todo, ou por
ventura.

ventura porque da sombra do homem teue principio a p
Plinio. tura assim o diz Plinio lib. 35. cap. 9. *omnes dicunt ab umbra ho
minis lineis circumducta initium accepisse.* E com isto me hei
desempenhado no que toca à exposição, & applicação d
Thema,

Os sonhos Nocturnos, que por boa. & commun philoso
phia são huns confusos effeitos dos discursos, & occupaões
do dia, melhor se contão, & relatóo logo pella manhã, que ma
is à tarde, quando ja a memoria não está tão obrigada a d
boa conta delles; digo sonhos da noite, porque tambem ha so
nhar de dia, ou se enganou o Philosopho, quando discorria
te chamou ás esperanças dos pretendentes da corte, sonhos
de gente acordada, *spes vigilantium in somnia.* Com tudo quero
Arist. uos propor o que em sonhos esta noite passada se me represen
tou. Pareciame estar vendo o presepio de Belem, & a harme
nelle (não começa este sonho mal assombrado) poreu notaua
mais figuras, do que lhe pintão de ordinario. Estaua o nosso
diuino pintor S. Lucas, que eu logo conheci pella sua Victi
ma Sacerdotal, que inseparauelmente o acompanhava; & iul
guei; que estaua offerecendo o pinzel, que na mão tinha, á Vir
gem Serenissima Senhora Nossa, & a Senhora metialhe na ou
tra mão, hũa pena de escreuer mui bem aparada, & dourada.
Junto a elle se me representou hum galhardissimo, & fermosi
ssimo mancebo, cõ os pès descalços, a cabeça descuberta, sem
venda nos olhos, vestido de roupas pobres, que assim está m
is honesto, & mais vñ a significar o mesmo q os antigos derã
a entender com o despirem, q he a liberalidade, o laço aberto
na testa hũas letras, que dizião, *ver, hyems,* por baixo do co
ção, outras. *Vita, mors,* na bordadura do vestido estas, *longe, pr
pe.* E tinha na mão tambẽ hũ pinzel cõ preuenção, palheta, &
tintas para pintar a oleo. E estaua cõ os olhos fitos, & prega
dos no Menino Iesu, como quem o pretendia retratar; logo
me dei a entender, que era o Amor diuino, que foi o sobera
no Apelles, que na instituição do diuinissimo Sacramento
nos deixou feito hũ viuo, & natural retrato da morte, & pai
xão de Christo Senhor Nosso. Pois Padre, & desdo Presepio
de

Belem começou o diuino Amor eſta pintura? O pois não ſabem, que Belem *domus panis interpretatur*, & que ſe pode por a queſtão, chamandoſe Belem, caſa de pão. ſe quis o Verbo eterno que primeiro o conſideraſſemos nacido, ſe Sacramento, & que ja entã aquellas faixas, & mantilhas infantis, que lo cobriaõ, eſtauaõ ſymbolizando aquellas eſpecies Sacramentais, que no lo eſcondem? Todas ſão imaginações colhidas do Sanctos, & a Virgem Senhora Noſſa dando a pena a Sam Lucas ſignifica auer ſido a Virgem Sanctiſſima particularmente Meſtra de Sam Lucas, & que inculcino o que deuia eſcreuer; entrando tambem niſto o Apoltoſto Sam Paulo, que como dizem graues Anthores praticou a Sam Lucas a maior parte das couſas, que nos deixou eſcritas, & por eſta razão chama Sam Paulo ſeu Euangelho, ao de Sam Lucas, *ſecundum Euangelium meum*; na carta que eſcreue aos Romanos cap. 2. E o myſterio de Sam Lucas, eſtar offerecendo à Virgem Sanctiſſima o ſeu pinzel, que vem a inculcarnos? moſtra o ſer na verdade Sam Lucas o Chroniſta per excellencia, & como antonomasticamente da infancia de Chriſto Senhor Noſſo, & das couſas della, & das virtudes, & das prerogatiuas da Senhora; & aſſim fallou de todas as miudeſas, do nacimiento, & infancia de Chriſto, que parece eſcreuia pintando, ou pintaua eſcreuendo; & por iſſo a Virgem Sereniſſima lhe entregaua a pena, & elle comedia, ſe affectuoſamente lhe oſtentaua o pinzel.

*Ad Rom.
man. 2.*

§: III.

Ora voltemos à pintura do Amor diuino. O diuiníſſimo Sacramento, *eſt memoriale Dominica paſſionis quoties cumque enim manducabitis, mortem Domini annuntiabitis, &c.* E S. Thomas em hum dos opusculos que compoſ deſte ſoberano myſterio, diz que hũa das cauſas da inſtituição delle, foi *memoria Salvatoris*, & por cauſa deſta representação da morte, ſabida cauſa he, que nos quis Chriſto Senhor Noſſo deixar ſeu precioſo ſangue debaixo das

S. Tho.

species de vinho, *ex vi Verborum* apartadamente das especi-
de pño debaixo das quais nos deixaua seu Sanctissimo cor-
po esta separação dizem os Doutores, que significa a morte.
Mas pergunto, quem vio nunca pintar-se o retrato primei-
ro, que o original tenha ser? Se o diuinissimo Sacramento
se instituia para memoria, & viuo retrato da paixão, parece
que fora mais conueniente institui-lo Christo Senhor Nosso,
despois de resuscitado, & ja despois de padecido, & não
antes de morrer, para que não admittamos, que no retrato
meio, que no Original, & no exemplar, & Prototypo
pondo que em Christo Senhor Nosso, antes de morrer achaua-
uasse desejo de padecer, & não ainda o gosto de ter padecido,
& despois de padecer, achauasse o gosto de ter padecido, mas
não o desejo, porque ja não tinha lugar. A traça pois, & o de-
senho do Amor diuino foi querer, que Christo lisongeasse ma-
is ao desejo de padecer, antes da morte, que ao gosto de ter
padecido, passada ella, porque com aquelle desejo tinha mais
relação, e conueniencia o nosso remedio; & para que com es-
te retrato, se lhe acendesse, & picasse mais o desejo, & se lhe
dobrassem aluoroços, & ansias (ponto, que graueamente illuf-
traraõ, entre os mais Doutores) o grande Tertuliano, & o Bis-
po Roffense contra Acolompadio, se quis Sacramentar an-
tes da sua morte; & agora entenderaõ o misterio, com que
disse, *desiderio desideravi hac Pascha manducare vobiscum*. Desejei,
com o desejo vultanto como dizer; o desejo, que eu tinha de
morrer, me fez desejar o Sacramentarme; para que com este
Sacramento, se aferuorasse, & incitasse mais aquelle desejo
& ao mesmo passo se legurassem mais vossos proueitos, & in-
tereces; se me Sacramentara despois de morto, & resuscitado
lisongeara mais a meu gosto, que a vosso remedio, & eu que-
ro mostrar, que mais estimo, & respeito este, que meu proprio
gosto. Ponderou o grande Origenes deuota, & douta mente
o não estar Christo Senhor Nosso mais q̃ tres horas na Cruz
sendo, que liuraua todo o seu gosto, & contentamento em pa-
decer mais dilatadas penas; logo Senhor, para que vos auéis
com tão escassa, & limitada taxa, ou termo no tempo, que
gastais

estais na Cruz? que a durar este mais, durara mais o gosto,
com que padeceis? & assim o destes (Senhor) a entender di-
endo o *consummatum est* per interrogação (que assim o lem-
bramos) he possivel, que ja se acabaraõ penas, & tormentos,
& o tempo de os padecer. Responde Origenes, que depois
desse *Consummatum est* todo o tempo, que estiuesse na Cruz, se-
bem setuia para a consumação de seu gosto, não conuinha á
do nosso remedio, & tes conduzia consumações da ingratida-
ção humana (*perpetue, & occasionaliter*) porque quanto mais
tempo Christo Senhor Nosso estiuesse na Cruz sem os ho-
mens saberem, & quererem aproueitar de tão soberano be-
neficio mais sabirião nesses homens, os baixos da ingratida-
ção (o que altos, & baixos estes para se conferirem altos da Cruz,
& baixos da ingratida-ção!) Pois se com o *consummatum est* (diz
Christo) se pos felicissimo remate ao remedio, & saluação dos
homens (não se excluindo com tudo a cooperação do nosso
liure aluedrio, & os nossos merecimentos acostados aos de
Christo nosso Redemptor, como com impiedade, & sutilida-
de grande, pretendeo Caluino inferir do *consummatum est*, não
quero estar mais na Cruz para atalhar, & euitar assim o *con-
summatum est* da ingratida-ção dos peccadores, & para mostrar, que
perde o bolo meu proprio gosto, á vista do seu remedio delles
pois o proprio remedio seu, foi sempre o meu maior gosto.
*Miraculum enim erat, quoniam post tres horas receptus sit, qui forte
biduum victurus erat in cruce secundum consuetudinem eorum, qui sus-
penduntur quidem non autem percutiuntur, ut videretur beneficium
Dei sui, quod expiravit, & meritum orationis eius, magis, quam
violencia crucis.*

§. IV.

O Segundo primor do pinzel do Amor diuino neste retra-
to, & memorial, que fez instituindo este diuinissimo Sa-
cramento, foi pintalo de maneira, que quem o visse logo po-
desse dizer, que era nosso o quadro, & que para nós se fizera,
& que a boca chea, como dizem, lhe podiamos chamar nosso,
& he o motiuo, que deuemos ás primeiras palavras do The-
ma, *Tu autem Deus noster*, o chamarmos nosso a nosso Deos

com particular justiça, & titulo polla cabeça de ser manjar, & mantimento nosso nos abonou o nosso Doutor Angelico S. Thomas claramente pollo mesmo caso, que applica à este A
S. Thom
Dent. 4. gustissimo mysterio aquellas palauras do 4. do Deuteronomio, *nec est alia natio tam grandis qua habeat Deos appropinquantes sibi sicut adest nobis Deus noster.* Paõ dos Anjos se chama este mesmo Deos, *panem Angelorum manducavit* bono porem nelles todo esse nome de paõ se vem a reduzir á sua stancia, & sustentação da gloria, & visão beata, sem lhes competer a propriedade do vzo de manjar, & verdadeiro bocado, de que nos ferue a nós rigorosamente: seja embora paõ seu substancial, mas não nos poderaõ negar, que lhe não haõ de chamar como nos, sacrificio nosso, suffragio nosso, bocado nosso, medicamento nosso, Sacramento nosso. *Pharmacum immortalitatis* lhe chama S. Igoacio bebida medicinal, que causa em nós immortal, & eterna saude. E o mysterio, que eu noto, em lhe chamarmos *Deus noster*, he pagarmonos com confiança, & amoroso retorno, chamando nossa a sua diuindade, *Deus noster*, de este Senhor chamar à nossa carne, carne sua, neste diuinissimo Sacramento; *caro mea verè est cibus.* Senhor, vos dizeis *caro mea*, pois eu digo, *Deus noster*, a fé Senhor, que mui bem nos pagamos, & tal vai de guerra, como dizem, & mais de guerra de Amor, na qual se puxa por reuezados retornos, & reciprocas correspondencias, com mais exacção, & rigor, que o de hum fisco Real. Para o que vos peço me acompanheis, no seguinte discurso. Em tres lugares, entre outros, fallou Christo Senhor Nosso, em sua carne, & seu sangue; em hum d'elle chamou á sua carne expressamente, sua, & he o lugar do cap. 6. de S. Ioão *caro mea*, &c. No outro lugar, que he do cap. 53. de Isaias, chama ao seu sangue, sangue nosso, & *aspersus est sanguis eorum super vestimenta mea.* Em outro o lugar, nem lhe chama carne sua, nem nossa expressamente, mas vza só do nome de carne; & he o lugar que digo o das palauras, que disse no Horto, *spiritus quidem promptus, caro autem infirma.* Não disse claramente, *caro mea*. Pois qual sera a razão, porque quando nos dá sua carne, em mantimento, então lhe chama carne

ne sua, *caro mea*, mostrando que se honra, & preza della,
que effas forças tem o encher a boca, de *caro mea*, & quan-
derrama effe sangue por nós, padecendo por nós, então
chama nosso? *& aspersus est sanguis eorum?* a razão he, por-
e tem por honra sua os nossos proueitos, & faz das suas
dores, merecimento nosso, & não seu; por maneira que
quando nos dà essa carne, em mantimento, & manjar nosso,
porque he proueito nosso, então mostra que se honra dessa
carne, & quando padece, porque no padecer, consiste o me-
recer quer que tudo o que ha nas dores de merecimento, se-
ja, & corra por nossa conta; de sorte que atè de seu pro-
prio merecimento se quer desfazer, por nolometer em casa,
como se dissera, ami não se me deve tanto, a elles se deve que
o sangue he seu, *& aspersus est sanguis eorum*. E em qual dos lan-
ços mostrou maior fineza de Amor? em ter o nosso proueito
por honra sua, ou em ter o seu proprio merecimento, por me-
recimento nosso? Respondo, que neste segundo lanço, porq-
uisto nos fez sacrificio da maior honra sua; porque maior hon-
ra, em razão de amante, foi merecer este Senhor padecendo,
& padecer merecendo, que a honra de nos ser de prestar, &
proueito a nós, porque esta honra, *ex genere suo*, conuem a todo
o bemfeitor, & a todo o liberal, & grandioso, & generoso es-
pirito, que tem por honra o dar, & o ser de proueito aos ou-
tros. Não nego, que por outras cabeças foi o Sactamentarse o
nossa *plus ultra* de seu Amor; isto he polla vnião, q com isto pre-
tendeo, & nolla humildade, a que se abateo. E qual foi a razão
porque o lugar do Horto lhe não chamou, nem carne sua, nẽ
carne nossa? foi porq naquelle occasião, como a carne temia
a morte, nem fazia as partes de seu diuino Amor, nem as de
nosso remedio, antes mostraua oppor-se as ordens, & decretos
de hũa, & outra cousa. Se bem pollo mesmo caso, que Christo
expressou a fraqueza dessa carne, 'dizendo *caro autem in-
firma* bem claramente a ficou marcando, & aualiando por
carne nossa, pois o estanque de todas as fraquezas, & temo-
res corria então sò por conta da natureza humana, & da nos-
sa carne em quanto nossa.

Osea.
10.

S. Amb.

S. Gr. 3.

SEja o terceiro rasgo, ou linha do pinzel do diuino Amor, *o verus es* do nosso thema combinado com o *vere est cibi* como ja tocamos, pois que fes sem duuida allusão á falsida & engano das iguarias apparentes, & pintadas, assim que f pique como se differa sò minha carne he verdadeira comida & sustento, bem differente por certo d' aquelles com que mundo vos engana, tratandouos bem: Sim como la o outro Emperador de Roma trataua os seus conuitados, dos quaizombaua offereçendolhes nos pratos as iguarias pintadas. As iguarias do mundo podemse chamar *panis mendacij*, mentira; conforme aquelle lugar do capitulo 10. de Oseas, *mediſtis frugem mendacij, ou frugem mendacem*, como lem os setenta. Lembrame ami, que expondo este lugar de Oseas, cbamei algum hora paõ de mentira, o paõ, que os finos aculadores comem nas casas dos principes, & dos grandes, que são o *Ægypto* mais sogeito, & miserauelmente exposto a semelhante praga, lilongeiros falsos, & mentirofos são a praga do Paço; o centro da mentira parece que he a corte, & o paço, & S. Ambrosio chegoua affirmar, que até o Senhor S. Pedro tanto que entrou no paço logo tambem i mentio. Quiza fallara mais verdade, & não negara a seu Mestre, & senhor se não entrara em semelhante lugar, *ubi tamen negat Petrus, non in monte* (diz S. Ambrosio) *non in templo, non in sua domo. sed in pretorio Iudeorum in domo Principis sacerdotum, ibi negat, ubi veritas non est.* Pois paõ ganhado, & grangeado a poder de mentiras, bem se pode chamar paõ de mentira. Com tudo o sentido mais proprio, & mais litteral ou pelo menos mais visinho ao rigor da letra, he chamarmos paõ de mentira ao paõ, que parece paõ, & não o he, & ao paõ, que he tão fallido, & tão sem substancia, que por mais que delle se coma, não pode deterrar a fome de seu dono. *fallaces sunt diuitie*) disse o grande Gregorio) *quæ mentis nostræ inopiam non expellunt;* Dizeime (fi eis) por mais chea de iguarias, & de mãjares, que esteja a mesa, se esses marjares forem somente vistos, & não comidos, nem tocados, poderuoshão satisfazer a fome, ou remedear vossa necessi.

effidade? não por certo. Antes creio, que a vista não serui-
 mais, que de picar, & acrescentar o desejo, & de dar novas
 às sede, *ardentior sitis fit, quæ cassâ potione delusa est*, disse Phi- Philo.
 eleg. remente, pois isso fazem os manjares, & iguarias do
 mundo, & todos os bens da terra; tudo para em ostentação,
 representação como phantastica; & quero que ouçais dizer
 confessar isto aos mesmos maos, porque conforme a S. Au. S. Aug.
 gustinho, & a S. Hieronymo dos quais se aprouveita hum mo- S. Hier.
 do douto, este de o espirito daquellas palauras do Psalmis Bacça
in nomine domini. Quis ostendit, ou quis ostendet nobis
bona? cur ostendit, & non dabit? Porque differão, quem nos
 mostrara estes bens, & iguarias, que desejamos, & não differão
 quem no las darà? Responde o moderno, que digo, *sanè, quod*
habent omnia, quæ tanta aviditate homines insectantur, & concupiscunt,
eius generis bona sunt, quæ exterius solum ostendantur, non vero inter-
ius animum, & pectus intrent. Tudo he folha, ostentação, &
 apparencia tudo são pratos de Heliogabalo; & cabelhes a es-
 tes nossos manjares do mundo, & a esses bens da terra, aquel-
 la nossa phrasi, & lusitanismo, de que vzamos dizendo velos
 com os olhos, & comelos com a testa. *Quis ostendet nobis bona.*
 Não assim te acontecera o discreta, & venturosa alma chris-
 tã, se te louberes aproueytar daquelle verdadeiro manjar, &
 pão de vida porque só elle te pode satisfazer, & só nelle po-
 dem liurar seguramente tuas esperanças, todo o remedio de
 tuas necessidades, & só este verdadeiro mantimento te pode
 contentar, & alentar de maneira, que te faça como alhea, izen-
 te, & independente dos proprios manjares, & bens do mundo
non inebrians, quam præclarus est. S. Cypriano lee, *quam per* S. Cypr.
optimus est, na qual palaura tem para si o mesmo S. Cypriano,
 e te nos deo a entender hum excesso, & hũa quinta effencia
 e bondade, com que este diuinissimo Sacramento nos incli-
 na, & fogaite a todo o genero de virtude, & nos faz modera-
 dos, & parcós, & de hum certo modo endependentes de bens
 da terra, as palauras de Cypriano na epistola 63. são estas, *addi-*
lit quam per optimus, quod scilicet calix Dominicus sic bibentes ine-
riat, ut sobrios faciat.

Parece que basta ja o dito acerca deste primeiro retrato obra do diuino Amor, chamamos o diuino, & alenta pinzel do nosso diuino Medico, & pintor, o glorioso S. Lucas; que rudo foi para entendermos, que assim curaua as almas, como pintaua fermosos os corpos, & assim curaua os corpos, como fazia fermosas as almas. Dizem alguns authores, que não exercitava o Sancto a arte da pintura para viver por ella, como realmente exercitava a arte de medicina ja pode ser que da medicina trataua mais, por misericordia, à poder fazer com ella muitas esmolas a pobre. E deos de graça modo de esmolar, q̃ não sei se he muito vzado dos senhores medicos de Lisboa, o que sei he que lhes ha Deos de pedir estreita conta, de assim o não auerem feito. E daqui recolho eu tambem a meu ver, com grande probabilidade, que podemos crer aprendeo Sam Lucas, a arte de pintar sem assistencia, & lições de outro Mestre, mais que sua propria curiosidade, & habilidade; porque quem assenta consigo não se sustentar da arte, contentasse com saber della, o que seu proprio engenho lhe faz auançar de alguns raros engenhos lemos, que se assinalaraõ na sciencia das artes liberaes, sem andarem em Eschola, & sahindo tão primo, & vnico na arte, como sahio o glorioso Sam Lucas tambem me dou a entender fundado em boa razão, que por ventura suspenderia tanto o exercicio da arte, por tirar occasiões, & diminuir forças á inueja, que os outros pintores, lhe teriã, que para crescentarem ao erro de inuejar (que he grande) o de accommodarem, & empregarem mal suas inuejas; auerião e por mais digno de ser inuejado o ganhar S. Lucas muito ouro, que o ter aprendido sem auer sido discipulo. Fieis nesta materia de ser inuejados, vos quero communicar hum Aphorismo meu, que tem duas, ou tres partes, & vos ha de parecer bem, se me não engano, não ter partes, que solicitem a inueja alhea, nem que a mereção, he pobreza, & he miseria, conforme aquelles dous textos de Seneca, *infelix fortuna, quae inimico caret*; & o outro na epistola 74. *inuidia perniciosum optimum*

telum

um, sempre a inveja foi a mais nociva, & offensiva arma cõ-
tra os melhores; & aquella sentença de Velleio paterculo, *inui-*
dieminentis fortuna comes. He companheira inseparavel de to-
da a eminente fortuna, não à saber cofrer he cobardia, & vile-
za de animo; não a temer, he valor; mas incitála, & esporea-
la he pouca prudencia. Por isso Christo Senhor Nosso mos-
trou em algũas occasiões, que furtava o corpo aos incen-
dios da inveja pharisaica, & aguentava de proposito os fun-
damentos, & motiuos, que de ser invejado lhes podia dar

Jam João Chrisostomo, em Christo Senhor Nosso
curou o paralitico da piscina, voltar logo as costas,
& anzenarse como fugindo, *neque ignarus erat invidiosi solam*
presentiam non parvam invidorum animis furoris scyntillam excita-
re, com lhes negar sua divina presença, lhes quis tempe-
rar, & rebater os fios, & golpes da inveja, que vem a ser
hũa parte do Conselho que Seneca nos dà na epistola cen-
to & sinco, quando diz; *sic vero invidiam effugies, si te non in-*
gesseris oculis, si bona tua non jactaveris, si scieris in sinu gaudere.
Gentil modo de dizer, porque ha homens que não sabem,
nem he em sua mão lograr hũa prosperidade, & hum gosto
de seio, & como de manga, & alegrarse debaixo do leu-
manto. E não vai muito longe destes auisos, & conselhos,
o que tambem Seneca diz, fallando com os grandes, &
que occupão postos, & lugares publicos, & altos na re-
publica. *Tutiores erunt superbiam detrahendo rebus per se su-*
perbis, & fortunam suam, quam maxime poterunt in planum
referendo. Multi quidem sunt, quibus necessario habendum sit
fistigium suo, ex quo non possunt nisi caute descendere, sed
hac ipso tentant maximum onus suum esse, quod alijs graues
esse cogantur, nec subleuatos se, sed suffixos. Mostremse pre-
cios per obrigação, & não leuanta los per soberbia, ambição,
& gosto. Retratou o nosso diuino pintor Sam Lucas, a mes-
ma graça, & termosura, & acrescentemos humana, por hon-
ra nossa, mas pedindo perdão a tão diuino prodigio; que-
ro dizer, que nos deixou hum retrato da Virgem Senho-
ra Nossa, imagem que o Ceo honrou, & authorizou com

Seneca.

muita copia de milagres. Deixounos outrossi outra imag
de Christo Senhor nosso; & tambem dizem que lhe deuem
as viuas, & naturais, semelhancas dos gloriosos Apostolos
Pedro, & S. Paulo. E posto que este amoroso obsequio & ser
uiço feito à Virgem Serenissima, a obrigaria nos limites u
deuido agradecimento; maiormente sen lo o fim da diligen
cia de S. Lucas o bem espirital, dos fieis, que vissem em qu
to o mundo durasse aquelle thesouro, aquelle centro, modelo
& exemplar de graça, & de bellez; com tudo muito mais con
gou o nosso Sagrado Chronista a Virgẽ Sanctissima,
seruiço lhe fes cõ a pena, q cõ o piazal; fazẽdonos, m
tissima, & singularissima no seu textosãcto das virtudes heroi
cas da Virgẽ Sacratissima da sua humildade da sua obediência
da sua pureza, da sua charidade. Cõsideração he de hũ douto, a
q achei espirito, & galataria o dizer q S. Matheus, & S. Lucas ã
bos pintaraõ a Senhora nos seus Euãgelhos; mas cõ esta diffe
rência; & he q S. Matheus pintou a Senhora como a hũ Ceo de
dia, & S. Lucas como a hũ Ceo de noite, em noite clara, & sere
na S. Matheus não tratou de mais, q de dizer, *de qua natus est Ie
sus, qui vocatur Christus*. E pondolhe o menino Iesu nos braços
foi como pintar hum sol no meyo do Ceo, que de dia somen
te o Sol se vê no Ceo, & não apparecem as estrellas. S. Lucas
pintou esse Ceo todo semeado, & marchetado de estrellas, &
auendosse de entender pollas estrelas as virtudes, & os mereci
mentos da Virgem Sanctissima, vemse a deduzir, que muito
mais engrandeceo, & mais fermosa nos mostrou S. Lucas a
Virgem Senhora nossa, porque maior grandela he par a Se
nhora, o excessõ de sua graça iustificante, & os portent
estremos de suas virtudes p ffoais, que a dignidade, & honr
de mãe de Deos, & he o que differão S. Augustinho, & o vene
S. Aug. rael Beda, quando taõ piacomo doutamente resoluerão, que
Beda. *beatior, & felicior est Virgo Maria, quia concepit Deum mente, quam
ventre.* São as ventagens gloriosas que sempre o merecimento
fes a todas as honras, lugares, & dignidades principalmente
os grangeados, & adquiridos por beneuolencia, & fauor de
fortuna (para que per extenção fallemos tambem destes) que
no

repartir dos seus bens, raramente acerta a se maõcom-
municar com a razão, & communmente os reparte sem ella.

Pagoulhe a Virgem Senhora nõssa d' ante mão a pontuali-
dade, & primor destes seruiços ao nõsso diuino pintor, com
e fazer tantos faouores, & o tratar tãõ familiarmente, que po-
de aspirar S. Lucas gloriosamente a amagos de competencia
com o diuino Euangelista S. Ioão na razão de bem visto, &
valido; & não falta. quem diga que depois de seu filho S. Io-
ãõ em segundo lugar, ninguem foi tratado da Senhora com
maior familiaridade, & com maiores finais, & prendas de A-
mor. O glorioso S. Lucas, & quanto ami em hũa cousa
quis a Senhora (impetrandõ este priuilegio de seu filho, & Se-
nhor nõsso) que fosse S. Lucas mui semelhante ao Euangelis-
ta S. Ioão; & he em ser martyr sem acabar a vida violentamen-
te, & nas mãos do martyrio. Fundo isto em que ha duas opini-
ões acerca de ser martyr, ou não S. Lucas; hũa nega, & outra
affirma, eu de ambas me aproueito para a minha imaginação,
& digo com huns Authores que foi martyr, & com outros, q
não morreo no martyrio, para que ficando assim a morte, &
a consumação do martyrio em duuida, fiquasse sem ella, &
corrente o priuilegio, em que a Virgem Sanctissima o quis
fazer semelhante ao diuino Euangelista para lhe chamarmos
martyr, não monta pouco, antes he apoio notauel o vermos,
que foi *comes peregrinationum D. Pauli*, companheiro de suas pe-
regrinações, & juntamente participante de suas perseguições
& tão querido, & bem visto do mesmo Apostolo como ve-
nos em suas epistolas. Grande louuor por certo, & não vul-
gar gloria deste glorioso Sancto; porque como disse bem S.
Ioão Chrysostomo, *magnum est a Paulo fuisse dilectum*. As miude-
zas, que S. Lucas nos relatou do nascimento, & infancia de Christo Senhor nõsso, forão em causa de alguns Authores
assentarem (& com grande maduresa de juizo) que da boca
da Virgem Senhora Nõssa, ouuio S. Lucas todas aquellas
particularidades; como tambem colheo da informação de S.
Paulo outros casos, & mysterios. S. Ambrosio naquelle versi-
culo do Psalmo 59, *moab obla spei meae*, bem sabem, que leo *moab*

Chryf.

Psalmo

59.

S. Amb.

aula

aula speimeae, & entende o da Virgem Senhora Nossa com
lusaõ a Ruth hũa das molheres suas ascendentes, & auõs, que
foi Moabitiss. E fallando dos segredos, & mysterios, que
Virgem Senhora Nossa ensinou a seu filho Sam Ioão, cha
ma a Senhora *aula*, em que Sam Ioão aprendeo,
presto fuit illi aula celestium omnium Sacramentorum. Dig
nesse o diuino Euangelista de aceitar, & admittir por
seu dignissimo condiscipulo neste ge^o, & vniuersidade
celeste ao nosso glorioso Euangelista Sam Lucas, pois to
tos segredos, & arcanos deue à familiaridade da
& por esta razão me não espanto eu de que escreuer
Lucas, como testemunha de ouuida, valha tanto, & seja
tão fidedigno, contando o que ouiuo, como os outros E
uangelistas affirmando o que viraõ como testemunhas de
vista, que he louuor não pequeno deste Sagrado Chronis
ta; & assim os Doutores, que não tem para si, que Sam
Lucas foi do numero dos setenta, & dous discipulos (opi
niaõ, que me não parece mal) saibaõ, que nos ajudaõ a
fundar este não vulgar encomio de Sam Lucas. E para
que tambem vissemos o fauor, que o proprio Amor diui
no (ao qual constituimos pintor do diuinissimo Sacramen
to, como ja ouistes) fes ao glorioso Sam Lucas, ouçaõ
hũa cousa grande, que tenho aduertido no texto de
Sam Lucas, quando falla da instituiçaõ do Sanctissimo
Sacramento, & he que duas vezes faz mençaõ da confa
graçaõ do Calis, & duas vezes falla do sangue; & *ac
cepto calice gratias egit, & dixit accipite, & diuidite in
ter nos; & accepto pane gratias egit, & fregit & dedit ed
dens, hoc est corpus meum, quod pro vobis datur. Hoc facite in
meam commemorationem, & acrescenta logo similiter & calicem
post quam carauit dicens, hic est calix, novum testamentum in san
guine meo, qui pro vobis fundetur; mysterioso caso! duas ve
zes falla no calis, & no sangue. Como molhando a pena,
& molhando o pinzel tambem; ou digamos diuino pintor,
que preparais aquelle diuino Rosicler do sangue de Iesu
como moendo as tintas ao diuino Amor, ou que elle vo
las*

offerece moidas para vos fazer companheiro, & aju-
dante seu no pintar, & copiar a morte do Senhor Iesu neste
augustissimo Sacramento. Não se detiuerão tanto com o
augu Sam Matheus, nem Sam Marcos. Ou digamos
se se deuia à empresa de Sam Lucas principal em quan-
to Chronista, a que elle dedicou logo o principio do seu
Evangelho, que se tratar do Sacerdocio de Christo Se-
nhor Nosso *secundum ordinem Melchisedec*, o reparar Sam
Lucas com tão mysteriosa repetição naquelle sangue,
que na ra da Sanctissima Cruz se offereceo, & derra-

§. VII.

Concluamos o Sermão, com satisfazermos breuemen-
te a obrigação que temos de dizer da arte da pintura,
que o dia he seu; a principal raiz, & fonte de toda a estima-
ção, & preço desta arte, he parecerse mais no seu modo
de obrar com os habitos intellectuais, que as mais artes cu-
jos habitos residem nas mãos, ou dependem dellas; para a
produção dos seus actos. E assim como o sentido da vista he
o mais perfeito, entre os cinco sentidos, porque no tocar do
seu objecto he mais semelhante à potencia do entendimento
que os mais; assim esta nobilissima arte parece que excede
as outras pella dependencia particular, que tem da viveza
da phantasia; os outros artifices em chegando a saberem a
perfeição da sua arte, parece, que não tem mais esphera,
& que se podem igualar huns aos outros no primor dos se-
us artefactos. Hum pintor não tem limite, nem esphera de-
terminada, neste particular, porque sempre se pode ex-
ceder a si mesmo, & aos mais em fazer, que as pinturas re-
presentem mais, ou menos os affectos d'alma, & interio-
res sentimentos; que parece professa esta arte fazer visi-
veis os pensamentos humanos; por isso lhe chamão muitos
poesia muda, & á poesia, pintura; que falla. E bem
assim como he hum dos grandes prodigios da natureza
produzir tantas caras diferentes todas como vemos
no genero humano, assim he proprio de hum pintor nos
seus

seus partos, & na sua inuentiua propria (que não fallo
copiar partos alheos) sa hir sempre a luz com variedades, &
desiguaes perfeições, & semelhanças. Ora daqui vem, o
na opinião dos bem entendidos, & de bom gosto, hum qua-
dro, & hum painel perfeito, não tem preço limitado; val-
do quanto quizerdes dar por elle, parecendo-se nisto com
pedra preciosa, que achou lá o tratante, e perolas do cap-
de S. Matheus, onde como nota nosso grande Padre S. Au-
gustinho diz o texto, que deo todos os seus bens por compra-
a dita pedra, não porq̃ ella não valesse muito mais, *sc̃ilicet* por-
que não tinha o mercador mais, que poder dar por
a ter mais, tudo ella valea. Assim hũa perfeita pintura pare-
ce que em certo modo tem nisto amagos de hum bem diuin-
& entra pellos arrabaldes das cousas a que o gosto, estima-
ção, & juizo podem fazer superiores a todo o dinheiro, & fa-
zenda que possuides. Daqui nasce tambem vemos, que os
Apelles, & os Timantes; isto he os pintores excellentes mais
estimão, & estimarão sempre o louuor, & fama que o dinheiro
& interece. E nisto mesmo mostraõ bem hũa briosa, & gene-
rosa condição, porque renegaiuos dos homens, com quem
pode mais o interece, que a fama, & honra. Sabeis a que se
podẽ assemelhar estes na vileza, & na baixesa dos espiritos? a
hum cão; que ainda que nas sagradas letras he symbolo de al-
gũas virtudes, & se falla delle *in bonam partem* accomodando-
lhe a significação dos pregadores Euangelicos, & dos pasto-
res, & prelados, com tudo tambem em algũs lugares se traz
o cão por symbolo de vicios, & vilezas grandes especialmen-
te da lisonja, & do interece 1. Regum cap. 17. *nam quia ego sum*
canis. Deuteronomij. cap. 13. *mercedem prostibuli neque pretium ca-*
nis in domo Domini. Boa aduertencia para certa gente, que ima-
gina pode ter mui obrigado a qualquer homem de juizo, &
homem branco como dizem, ou de capa preta, à conta de o
tratar como a hum cachorrinho de falda; expendamos o seme-
lhante para aliuarmos o fastio do sermão de tarde. Graciosa
couza he ver hũa donzella, ou dama secular entretendosse,
& diuertindosse com hum seu cachorrinho, & toda occupada
& tão

... não em pregada como senão nascera para ourros cuidados;
... como se converfara com hũa creatura racional;
... e d'is licença chamalhe diamante; que os diamantes nome
... de o. cada mente, porque se compraõ a medo, & he mais fa-
... encher a boca delles, que a gaveta do contador. Eis que
... este passo, vem recado de que entra visita, alto, sus Diaman-
... e, fôra, fôra, despejão estrado. Pois como Senhora tanto
... de quem, & rigor com o voffo Diamante? Si, que em tarde de
... visita, & dia de amante, não ha Diamante no mundo; & se el-
... var, & fazer esquivo conuofco de hoje adiante? olhai
... que he muito mimoso pouco importa, que enfim he cachorri-
... nho, & hum gosinho muito vil, & sem sentimento algum de
... orio, & de valor. E na minha mão estão as pazes, se eu qui-
... zer porque com duas lambugens, & com hum pedaço de pão
... & com hum to to Diamante, seremos logo amigos. Vamos a
... alma da Metaphora; tal he a natureza de alguns homens vilif-
... simos e fcravos do interece; & tal he a confiança nescia, mas
... quiça por nescia bem succedida, que tem quem imagina, que
... com bolos, ou pratos pode suprir faltas da estimação, & sol-
... dar quebras fundadas em vilipendios mui consideraueis, &
... em descortefias, & desprimores, que comete sem falta con-
... tra vos, quem se persuade que a poder de lanços de interece,
... vos tem certo, & vos domina.

Digo mais, que os pintores tem obrigação de serem dis-
cretos, & bem entendidos; porque professaõ hum officio mui
de corte, qual he o da adulação, porem exercitãono sem men-
... r. E risto quizera eu, que os imitarão os aduladores da Cor-
... & do paço, aos quais, eu de boa vontade, aponto os propri-
os pintores, por seus Mestres na materia da lisonja. Primeira-
mente he certo chamar a Sancta Escriitura aos pintores lison-
jeiros, & aduladores. Ia ouuistes o texto do cap. 14. do liuro Sap. 14
da Sabedoria; *ille enim plus placere volens, illi qui se assumpsit, &c.*
... ita he a definição do adulador, he homem que levanta aquel-
... a antiphona de placebo, mas não he em officio dos mortos,
... senão em maleficio dos viuos, que espiritualmente mata. Mas
adula o pinzel sem mentir, porque imita a natureza, que he
regu-

reguladissima em seus procedimentos, & *nunquam deficit*
necessarijs, sobpena de que faltando, sabirá a luz
Monstro. Não fallo de quando excedem no retratar, ne
tão mentem officiosamente em favor do original, & não c
mo o Iuis que passa as commissões, que lhe deraõ, mas
ra disto, os pintores não mentem, porque elles não dizem
que he homem verdadeiro, o que vos n'ostro pintado, &
affirmão que deixa de ser o que vedes taboa, pau, tintas &
oleos, mas todavia enganaõ tal vez com a perfeição, & via
fa da arte, como se enganarão os outros, quando he
tou, & abanou a mosca, que o pintor tinha pintado na
do rosto da Imagem; & o outro foi correr a quartina pare-
cendolhe, que era verdadeira, & não pintada. Menos mal era
fazeremno assim os aduladores do paço, enganem embora se
podarem (permisivamente o digo, não aconselhando o defei-
to) mas não mintaõ; & quando mentirem fallem sempre com
grandes apparencias de verdade; & senão sofraõnos o dar-
moshe vaia, & o dizermos, que como a nescios lhes está, &
corre mal o officio. Ilustremos, & estendamos mais o discus-
so, com aduertirmos, que ahi ha no mundo, enganar, sem mē-
tir, & mentir sem enganar, & mentir, & enganar tudo junto.
Enganar sem mentir, nos pintores como tenho dito, o vemos,
& na Cana, que metida debaixo d'agoa, se vos representa par-
tida, & quebrada, & ella está inteira, & nas cores desse arco
celeste que imaginais finissimas, & verdadeirissimas cores, &
ellas são apparentes, ha tambem mentir, sem enganar, & isto
he cousa muito ordinaria, & assim o reza, & testemunha a
quella prouerbial sentença, quem me mente, não me engan
a Deos, & ao confessor, que no confessionario está em lugar
de Deos, mente o peccador muitas vezes, mas desengane esse
esse peccador, de que não engana, nem a Deos, nem ao con-
fessor, em quãto está em lugar de Deos, *Deus enim non irridetur*.

Como dis S. Paulo, & expondo o *verus es* do nosso thema, di-
Ad Gal. a glosa interlineal, *Deus enim non fallit, nec fallitur*, aquellas pa-
6 lauras que Dauid disse no cap. 1. do segundo liuro dos Reys

Interl. a Doegidumeo (que alguns dizem foi elle aquelle, mal acon-
selhado

lhado mensageiro, ou hum seu filho, seruem muito a este in-
uis tuus super caput tuum, os enim tuum loquutum est ad-
sus te, dicens, ego interfeci Christum Domini, valeo tanto co-
to dizer, se me mentes não me enganas, bem entendo Da-
vid que mentia, & que o pretendia enganar, mas também não
uvidou de Saul ser morto. Ultimamente ha mentir, & enga-
nar tudo junto. Isto fazem muitas vezes os finos Hypocritas,
porque nos mentem com as palavras, & tal ves nos enganão
com as obras, Mentem em dizerem, que são servos de Deos,
sanctos, & enganão nos tal ves, ainda que não sempre, porq̃
se elles são hyprocritas mo finos, a poucos passos, & a poucos
lanços, os vindes a conhecer polla pinta. Pois padre que mo-
do de fallar he esse? a bi ha hypocritas venturosos? olhame
não nego que geralmente fallando, & em rigor todo o pecca-
dor em quanto peccador he mo fino, & todo o peccado he des-
graça, & desaventura, & a maior do mundo, mas digo, que nos
limites dessa desgraça, & fallando nos Christã, & Catholica-
mente, disto que chamamos fortuna, temporalmente, & em
ordem ao commum sentimento dos homens, ha huns pecca-
dores, que no seu genero, tem mais dita, que outros. Quem
pode duuidar da positiua desgraça, & infelicidade, que a Sa-
maritana experimentou com o mundo, & com o peccado? po-
is seis homẽs (ou fossem maridos, ou amigos) he não vieraõ a
importar, & montar mais, q̃ hum cantaro, & hũa corda? & do
filho prodigo que me direis, quando o considerardes tão va-
rado em terra amodo de uauio em estaleiro, que nem sobre
hũa vara de animais immundos, que apascentaua tinha vara,
poder, ou iurisdicção; & tão feito hum ninguem, que lhe respõ-
dia, como amo, a quẽ seruia, hum ninguẽ, assim declaro eu, *nemo illi dabat*, o Amo costuma dar de comer, ao seu criado, pois
sabeis quẽ daua ao prodigo? *nemo*, para q̃ o imagineis tão vil, Luc. 15.
& tão ninguẽ, q̃ era como seruo domesmo ninguẽ & *nemo illi*
dabat. Algũs Hypocritas ha, q̃ cõ se matarẽ, & martyrisarẽ a pu-
ras disciplinas, & paes, & agoas, & outras penitências, q̃ realmẽ
te fazem, não chegão a avançar o credito, & reputação q̃ dese-
jão. E destes fallou S. Pedro Chrysologo, quando disse *que cru-* Chrys.

d. li arte ipsas virtutes obtruncant macrone virtutum. Re-
 chegão a desembainhar a espada da virtude, exercitando
 terrialmente as obras, & o custoso della degolando a pr
 virtude com cutelo feito da mesma virtude, artificio, a
 grande Padre, chama com razão cruel; estes são, os que eu cha-
 mo mofinos. Mas ha outros tão venturosos, que fazem o que
 fazem os outros homens, & viuem como os outros, & mais te-
 molos por Santos, & metemnos em cabeça, que fazem peni-
 tencias, as quais lhes cremos, como por fê. E elles tem habili-
 dade, manha, & astucia para no meyo de seus rigores, & aspi-
 rezas, lograrem delicias, no meyo de suas humildades, profre-
 sarem soberbas, & insolencias, & no meyo de seu retiro, & a-
 partamento sustentarem correspondencias com o mundo, car-
 ne, & diabo; enfim são da classe, & laia de aquelles, por quem
 se disse, cobra boa fama, &c. tratai de os conhecer bem, fideis,
videte ne vos se decant. Eu f. çò symbolo destes aquel-
 le mau seruo de Miphiboseth Syba, porque com ser hũa má
 peça, & hum mau cabraõzinho, & com vir a dizer a David cẽ
 mil mentiras, & embustes, fingindo o que não era, foi tão ven-
 taroso, que ainda despois de ser conhecido, & de se saber a
 verdade, por fim de contas; & a mau livrar, se ficou em casa,
 com a metade da fazenda de Miphiboseth; direis, que sò hũa
 boa parte teue Syba, & hũa sciencia mui importante, & neces-
 saria para gente que vive em Corte, & foi saber dar a bom tẽ-
 po, ainda que não seja passar de vnas passadas, & quem sabia
 dar as vnas a seu tempo, melhor saberia dar as passadas, gran-
 de habilidade para viuer em Corte; respondo que tenho mui-
 ta razão, & que estou do mesmo parecer, mas se he conforme
 essa faculdade, ou habilidade ao Euangelho de Iesu Christo,
 vós, o julgai.

S. VIII.

F Allando o nosso texto tão expressa mente da Idolatria, &
 inuoluendo com seus principios, na arte da pintura ao
 menos concursos de complice, senão achaques de principal
 authora, & culpada, quanto a primeira face do lugar, parece
 justo, & mui posto em razão para liurarmos esta arte de toda
 a má

a maldospeita, & calumnia nesta materia, fazermos mção das
meiras fontes da Idolatria, que ouue no mundo. Hũa
foi o Egypto, parto do Amor de hum pai mal annuelado
pel. razão, para com hum filho, & de mais vehemencia, que
prudencia. O pai foi Syrophanes, de quem falla o author des-
te livro da Sabedoria no cap. 14. *acerbo enim luctu dolens pater
propti cito sibi filij fecit imaginem*, que entre impaciencias no gol-
pe, & perda do filho, & saudades na falta, & auzencia procu-
rou engavar esta, fazendo hũa Imagem, que obrou a sculpu-
ra, & aperfeiçãoou a pintura, se já não foi obra toda vnicamen-
te do pinzel. E pello discurso do tempo a familia de Syropha-
nes continuando em a coroar de flores, respeitar com conti-
nencias, venerar com perfumes; passarão as lisonjas de Amor,
a adorações, & ceremonias de diuidade, sem tal ter passado
pella imaginação ao artifice, que quando pintara entendeo
samente, que desterraua, ou aliuiaua magoas paternais, & não
que introduzia gentlicas ignorancias. O outro principio da
Idolatria succedeo nos Assyrios, sendo author o Amor de hũ
filho para com hum pay; que impossivel era sahir isto, que
chamamos idolatria da esphera, & limites do Amor; & sò este
se podia atreuer a semelhantes furtos do ptoprio ser diuino;
porque professa dar tudo quanto entende, & não sei se enten-
de bem tudo, quanto dá. O filho saudoso do pay foi elRey
Nino, o pay foi Belo, do qual dizem graues authores se deriua
rão os nomes dos Idolos Bel, Bual, Baalim Beelzebu, Beel Phe-
gor q nas sagradas letras vemos; & a primeira prēda de diuin-
dade, q Nino quis vincular á estatua, que a seu pay mandou
levantar foi fazela couto, & sagrado a todo o genero de con-
denado á morte, ou pronunciado á prisão, que fugindo a to-
casse, que pello mesmo caso fiquaua liure; interece, & fruto. q
com mais razão conduzio diuidades, que as flores de Syro-
phanes; porque Deoses, que não liuraõ, estão bem liures de se
em Deoses; tambem o esculptor, & pintor que obrarão este
primeiro Idolo, não se deuem auer por culpados, salvo se ti-
nhão tanto de Prophetas, como de pintores. Qual destas du-
as raizes da Idolatria, aja sido primeira conforme a computa-
ção.

Roberto
Holcomb

ção dos annos, remeto aos discursiuos curiosos. Se bre-
ue por cousa se curiosa mui cançada auerignar
des, & precedencias de tempo maiormente inte-
tada variedade nas historias, & annais, de que não va-
lemos. Differa en, que faz sempre tantas ventagens o A-
mor que os pays tem aos filhos, ao Amor que os filho
te maos pays, que impossivel seria não dar em primeiro
Idolatra o Amor de hum pay, & auer amor de filho, que
com semelhantes estremos se lhe adiantasse, ou ganhasse
o bolo. Mas digo o meu parecer mais como Philosopho
que como historiador. Rodando despois os annos se in-
troduzio outra Idolatria no mundo, effeito puramente
do temor; porque ouue muitos Reys, & Tyrannos, que
com poderosas violencias, & violentas extorsoens obri-
garaõ a seus subditos, a que os teuefsem por Deoses, ou
pello menos como a tais os venerassem, mandandoos
prostrar ante suas estatuas de ouro tal vez como a de Na-
buccho, nescios (sobre o erro capital) tambem em não
aduertirem que mais pareceria feita a adoração ao or-
ro material da imagem que aos viciosos, & indignos fe-
geitos, que ella representaua, pello menos differa eu que
com o ouro tambem a não merecer, mais digno era del-
la que o peccado, & ambição de seus donos. Esta força
parece, que tocou o texto sagrado naquellas palavras,
Et Tyrannorum imperio colebantur signenta. Por maneira que
o medo foi outra cabeça da Idolatria no mundo, & por
isso disse o Poeta (como notou hum Douto no Com-
mento do capitulo quatorze deste liuro) *primus in arbe*
Deos fecit in esse timor; mas deue entenderse sem dano da pri-
masia do Amor.

Soppostas pois estas duas Idolatrias Originadas d
Amor, & do temor; sejame licito perguntar para que
ecolhamos algum pensamento com que nos consola-
mos, & animemos todos os bons, & leais Portuguezes
a qual dellas está naturalmente mais exposta, & abicada
a natureza, & condição, dos Portuguezes? Representa-

Leve que estais zombando de mi por me ver pôr em
a causa, que parece tão fora de toda a duvida, co-
o h' serem os animos dos Portugueses mais inclinado
Amor, que a temer, & pagarem tão manifesta pensão
ta paixão de Amor, na opiniaõ de todas as nações estran-
leiras, que todos com razão nos chamaõ os Portu-
es derretidos de Amor. Digo que tendes muita razão;
mas tambem me não falta para dizer, que se hoje ha nes-
te Reyno Portugueses, que tem os coraçoes, & os pen-
samentos em Castella, sem duvida estes falsificação, & a-
d. iteraõ esta boa fama, & opiniaõ que de nós se tem; &
mais querem fazer do Rey de Castella hum idolo por
temor, que do nosso Pio, & grande Rey, & senhor nosso
Dom IOAM O QVARTO de Portugal, Idolo a-
dorado por Amor, fallei conditionalmente dizendo,
se os há, porque por me não render a tamanha magoa,
o menos, que farei, será desmentir vistas, & experienci-
as. Não ha que duvidar, de que o medo he o que anda to-
cando caixa (se se toca) & fazendo gente para Castella-
porque o Castelhana, não teue procedimentos, nem
qualidades, que possaõ executar por Amor, ou que o fun-
dem, & solicitem. Homens nescios, & desalumbrados,
que deneis a Castella? iniurias; vexações, oppresso-
ens, infamias. Homens desaventurados, & prescitos, &
he possivel que antes queirais deferir a hũa Tyrannia in-
trusa, que a hũa verdadeira, & suavissima successão, &
herança? Homens peccos, & ignorantes, antes quereis
obedecer a hum Rey estranho, & de diferente nação,
que a algum Rey vosso legitimo, & natural Senhor que
he os *nostrum*, & *caro nostra*? E he possivel que ajão de va-
ler mais com vosco mentiras do Castelhana, para vosso
dano, deshonra, & cativoiro? que verdades do vosso
Rey Portugues, para nosso proveito, honra, & liberdade? Lem-
braõse aquellas palavras, com que Tertulliano procurava en-
vergonhar aos Christãos, & fazer lhes as faces vermelhas
propondo-lhes os excessos, que os gentios fizeram por pura
 vaidade

vaidade, & as fúrcas, que nelles se achauão deuen-
lhes de apoio, ou de espora a verdade do Christia-
de materia de pejo será para nos (dis o grande Padr
timidauerimus pati pro veritate, in salutem, quæ illi affectat
ti pro vanitate in perditionem. Boas palauras para cifra, & lei-
ou tenção, escritas nas bandeiras da nossa milicia na occasi-
presente *pro veritate in salutem.* Pelejamos polla verdade
nossa justiça, para saluação nossa, para liberdade nossa, & para
remedio nosso. E os infelices bastardos, & adulterinos animos
dos que se inclinarem a Castella, saibão, que se matã
nitate in perditionem; conferi, & combinai (Portugueses) as
gaçoês, em que estais a Castela, com as obrigaçoês, em que
nos tem posto, a pia, & Augusta Magestade del Rey nosso Se-
nhor, & vede quais fazem maior balança; mas auéis de po-
da parte de Sua Magestade todas as boas obras, que deueis a
os Senhores Reys seus avós, & antecessores, que com a repre-
sentação que lhe deo o Reyno anda tambem junta a represen-
tação destas diuidas, & das paternas grandezas, & benefícios
com que sempre nos loubirão obrigar. E se vos não querris
valer destas memorias, por não ser necessario, digo que lar-
gamente basta, o que el Rey nosso Senhor tem feito, & tem pa-
decido nestes quatro annos de pois de sua felicissima, & mila-
grosa acclamação; respõdêdo igualmête a obrigação, em que
nos ha posto, à grandeza de animo, que nesta empresa tem ol-
têtado; a qual, eu ja em algũa occasião pretendi declarar com
dizer, que maior animo, & valor mostrou S. Mag. no que dei-
xeu, que elle proprio, & muitos Reys do mundo, & Empera-
dores Romanos no que emprenderã; elles mostrauão se ani-
mosos, & valerosos no que emprendiaõ, mas não no que dei-
xauão, & arriscauão. Hum Philosopho dera a entender isto
com os termos *de termino a quo, & de termino, ad quem*, no mo-
uimento natural. Mais valor argue o termo, *a quo*, desta acção
do nosso Principe, que o termo, *ad quem* de muitos, que nest
mundo aspiraraõ a Coroa; porque el Rey nosso Senhor ar-
cou Reyno, que tinha, não para adquirir Reyno (que pois es-
te ja era seu, bem se pode dizer que o não adquirio de nouo)
mas

for ante o go uerno delle, para bem, & remedio noss. E
ta, que menos glorioso feito he, o de quem prete-
hur Reyno, sem risco de perder outro. Muitos dos Ceta-
Romanos se deixarão acclamar Cesares, sem se aventura-
e (fora do perigo da vida, que deste não fallo) a perder ma-
que as armas com que o intentaraõ. Acresem a esta pri-
ra obrigaçaõ, as outras que resultaõ de termos experimẽ-
to as affliçoens de animo, desuelos, & cuidadas ansias, q̃
m custado a S. Mag. assistir às cousas da paz, & da guerra
este Reyno, em quanto nestes primeiros annos importaua
trouar-lhes o deuido assento, & concerto. Vede se custaraõ
tanto cuidado, & assistencias ao Castelhano, as conquistas de
Portugal, em sessenta annos, que como escravos o seruiestes.
Ora passe por pique, & galantaria, se bem, não sem bastante
fundamento em bem pouco aprasiueis experiencias. Parece-
me que no dia do Juizo, Vniuersal o mesmo Rey de Castella
poderá a cusar aos Portuguezes, que o seguirem com aquellas
palavras, que o glorioso S. Cypriano, poem na boca do Diabo
acusando aos Christãos, que se perderem. Senhor Iusto Iuis
Jois; fazeime justiça, *isti, saepe mihi gratis animam suam vsque ad
vltimum vendiderunt*, eu nada padeci por elles, & não lhes fiz bẽ
algum, antes infinitos males, & afrontas, & com tudo mais me
quizerão seguir, & servir ami; que a vós, Senhor, que sois seu
criador, seu Redemptor, & que por elles padecestes tanto; o
que cousa será fallar então o Castelhano como o diabo, & o
diabo como o Castelhano! Mas façamos o final, da Cruz fugin-
to, & guardandonos de ambas, & passemonos ao vltimo dis-
curso do Sermão.

S. Cypr.

§ IX.

E Será o vltimo remate do Panegyrico da pintura. Mis-
qual imaginareis virá a ser o vltimo elogio, com que por-
fin a illustraremos? Cuidais por ventura, que he prouar larga-
mente ser verdadeira arte liberal pollos effectos, & oatrofi-
ha definição que compete às liberaes? Não he isto o que pro-
meto; nem o que quero examinar, porque muitos authores o
tem ja feito os quaes com grande justiça não querem citar
por

por aquelle primeiro numero, & distribuição, ou di-
 fere artes liberais, em que não entraua a pintura
 dicina, & a ambas se fazia, em serem excluidas, e nã este
 grau. Pois que louvor será o que vou buscando? chame
 pintura arte diuina? isto fes ja hum Douto; & o tras de Qu-
 tiliano, & de Marco Tullio tambem; os quais affirmarão
 aos pintores deuião os antigos o conhecimêto dos seus De-
 ses, pois lhes não sabião outras caras, senão as que os pintores
 Possui lhes quizerão debuxar, & colorir. Quintiliano fallando de
 mo de Zeozis, *ille vero ita circumscriptis omnia, ut cum legū latorem verēt,*
 pie a po *quia Deorum, atque Heroum effigies, quales ab eo sint tradita, ca. rē,*
 est. *tamquam id necessesit, sequuntur.* E Cicero lib. 1. de natura Deo-
 Quinti *rum. Deos mouimus ea facie, qua pictores, fictoresque voluerunt.* E po-
 liano. essa razaõ como ab effecto, ou causaliter lhe punhaõ nome de a-
 Marco te diuina, a arte de pintar. O quanto menos profana, antes na
 Tullio. da profana, & mais verdadeiramente podemos nós applicar
 a esta arte titulos, & assomos de diuino artificio, se posermos
 os olhos nos proueitos espirituais, & progressos de deuacaõ,
 & feruor, que causa nas almas, mediante a fermosura, & orna-
 to das sagradas Imagens, que christã, & catholicamente vene-
 ramos! Com resoluçaõ, & certesa de Fé, que o Sancto Conci-
 lio Tridentino definio (despois de outros Concilios mais anti-
 Concil. gos) apontando com estas grauissimas palauras, as vtilidades,
 Tridēt. & acrescentamentos de espirito, & laudaueis mouimentos, e
 da adoraçaõ das, Sanctas imagens recolhemos, na sessaõ 25.
 tul. 2. *Ex omnibus sacris Imaginibus magnum fructum percipi, non se-*
lum, quia admonetur populus beneficiorum, & munerum, que a Chri-
sto sibi collata sunt, sed etiam quia Dei per Sanctos miracula, & salu-
ria exempla oculis fidelium subieiuntur, ut pro his Deo gratias agant,
ad Sanctorumque imitationem, vitam, moresque suos componant, exci-
tenturque ad adorandum, & diligendum Deum, & pietatem colend.
 E para que estes fructos, & intereçes lenão percaõ por causa
 da imperfeição, indecencia, & impropriedade das pintur-
 com aquella maduresa de juizo, inteireza de consciencia,
 cunspecção de sciencia, & zelo da honra de nossa Sancta E-
 catholica, cõ q̃ em tudo procede o Sancto Tribunal da Inqui si-
 caõ

n ordenado que todas as pinturas, que de fora do Rey
a elle, sejam (bem assim como os liuros, attenta, &
rigorosamente examinadas digo finalmente, que o louuor, q
esperais (para que vos não suspenda mais) he ter para mi, q
podemos affirmar, que o mesmo Christo I E S V Senhor &
Redemptor Nosso com sua propria mão quis honrar, & acre-
tar esta arte. E parece a maior cousa, que em seu louuor, po-
demos allegar, lembremse da historia, & embaixada d' el Rey
Abagaro de Edessa, que refere o Cardeal Baronio, & a traz
de S. Ioaõ Damasceno, quando Christo Senhor nosso viu, q
o pintor que o Rey mandara, para que lhe leuasse hum retra-
to seu, temia prudente, se desmayaua pintor entre os valentes
resplandores, & alentados rayos daquella sacratissima face,
& gesto, breue summa da mais ineffauel Magestade, & que a
propria mão do perdido. & vacillante artifice se ameaçaua cõ
tremulos desacertos, & descompassados tremores separaçã
do mesmo braço, ou estupor, & pismo perpetuo, em pena de
auer empunhado o pinzel atreuida, misericordiosamente libe-
ral de si proprio, tomando com sua propria mão o lenço, o
chegou a seu diuino rosto, & o deixou nelle impresso, & es-
tampado ao viuo, & naturalissimamente, passando o milagre
ainda muito alem da esphera de todo o possiuel espanto, &
assombro da arte, & da natureza. *Historia proditum est* (dis Da-
masceno, *cum Abagarus Edessa Rex, eo nomine pictorem misisset, ut
domini imaginem exprimeret, neque id pictor, ob splendorem ex ipsius
vultu manantem, consequi potuisset, Dominum ipsum diuina sua, ac
diuina faciei, pallium admonuisse, imaginemque suam ei impressisse.*
Que tem que ver com esta honra, & gloria dos pintores, o a-
verem sido muitos Reys, Principes, & Emperadores Roma-
nos insignes nesta arte? Couisa em que por ordinaria, & triui-
al não quis gastar tempo. E auer sido o segūdo filho del Rey
Numa Pompilio chamado Fabio, tão afeiçãoado a ella, &
não primo nella que foi em causa de toda a familia, & Pos-
sidade dos Fabios se prezarem muito dos sobrenomes de
pintores, que tomaraõ. E outrosi auer hum Emperador, que
dizem foi Constantino Octauo, que despois de priuado do

E

Impe-

Imperio, se valeo desta arte, para se sustentar dos gan-
12? Acrescento mais, que hũa vez admittido o po-
uar a razão de credito, & honra desta arte o estampar. Com
to Senhor nosso com seu diuino poder a si proprio, aprouan-
do com isto o que o artifice professava, & emprendia, tam-
nos podem accumular creditos, & luzimentos da pintura a-
quella estampa, que com irrefragavel tradição da Igreja re-
mos recebida, & chamamos a Sancta Veronica, & outros si a-
quelles sinais sagrados, que no Sancto Sudario vegeramos. E
parece certo, que quis Christo Senhor Nosso mostrar com es-
tas tres copias, que em todos os tempos, & em todos os esta-
dos pretendia honrar esta venturosa arte, antes da morte, no
tempo do padecer, & depois de morto; antes da morte com o
caso de Abagaro Rey de Edeffa, no tempo da paixão com o
encontro da Sancta Veronica, & depois de morto com as las-
timosas estampas do Lençol Sancto de sua mortalha. E para
que vejamos que tambem a Virgem Serenissima Senhora
N. para honrar esta arte, quis mostrar, q no Ceo se pintava,
que auia Anjos pintores (queira Deos que aja pintores An-
jos) vos não quero trazer a memoria, mais que aquelle mila-
groso quadro de meu glorioso pay, & Patriarcha, que se chama
de S. Domingos de Suriano, do qual em quanto nos não conf-
ta de pintor algum, que no mundo o fizesse, seguramente po-
demos dizer, que foi obra feita por mãos dos Sanctos Anjos.

Soberanos Pintores, diuino Amor, & extatico Lucas offe-
reco humilde, & suspendo desconfiado esta pequena taboa de
toscos, & mal limados discursos meus, & louvores vossos, ante
as sagradas aras de vosso merecimento. Perdoame minhas in-
sufficiencias, aduertindo, que he impossivel talento humano
fazer bem as partes de bom Athlante de tão diuino, & celeste
peso, & tão superior obrigação. Alguem disse ja bem, que era
defeito glorioso de hũa eminencia, o não poder ser bem serui-
da. *Hæc faciebat* o meu desejo, mas não acabou de perfazer o
meu entendimento para que me valha do termo *faciebat*, cor-
que os pintores, & esculptores antigos, com confissoens moue-
tas das proprias faltas entablauão, & asseguração discretos, a
maior

imação de seus trabalhos, & a mais encarecida lison-
jeiros, que eternisauão. E vos amorosissimo Chro-
nista, charissimo medico, & pintor clarissimo Glorioso S. Lu-
as alcançamos a todos da Virgem Serenissima Senhora Nos-
sa a quem com tão preciosos, & agradaueis obsequios obri-
gastes nos alcance ella do diuino Amor forças, & disposiçã
vastante, & neccessaria para podermos lograr o diuino retra-
to; q̃ neste Augustissimo Sacramêto nos deixou deferindo ma-
is a nosso remedio, que a seu proprio gosto, inculcando ven-
tagens nossas, & fructos nossos, confutando, & confundindo
mentiras, & enganos do mundo, & entã confessaremos,
que o logramos, quando mereçamos, recebendo
dignamente, participar copiosos augmêtos de
sua diuina graça penhor da gloria, quã
*mibi, & vobis prestare dignetur, qui
vixit, & regnat per infini-
ta seculorum seculorū
la. Amen.*

Taxão este Sermão em reis.

Coelho. Ribeiro.



